

MAPEANDO OS AGRUPAMENTOS CULTURAIS DE SALVADOR

Carlota de Sousa Gottschall Silva¹

Resumo: *Este artigo descreve as principais conclusões de um mapeamento cultural realizado com dezesseis grupos que trabalham com arte-educação em Salvador, aprofundando a investigação nos seguintes aspectos: a motivação artística e social como fator que impulsiona o trabalho; as manifestações mais envolventes são música, dança, teatro e circo, em uma mistura que abarca a experiência da tradição popular às expressões da “cultura de rua”; o fato de os grupos não serem auto-suficientes define a estratégia de combinar captação de recursos à venda de bens culturais; a necessidade de uma marca que os singularize; a prevalência da comunicação “boca a boca”, seguida do rádio comunitário; o uso da Internet como recurso de divulgação e de troca de conhecimento pedagógico entre os grupos afins.*

Palavras-chave: Mapeamento cultural; Arte-educação

INTRODUÇÃO

O presente artigo será apresentado em forma de um relatório de pesquisa resultado de uma investigação que teve como alvo algumas instituições representativas e tradicionais em arte-educação que atuam em Salvador. Este trabalho fez parte de um estudo realizado entre a Universidade Católica de Salvador - UCSAL e a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI, cujo objetivo foi mapear na grande Salvador e no litoral norte da Bahia, instituições que exerciam práticas econômicas e culturais baseadas nos princípios da gestão democrática e solidária. Dentre os critérios selecionados, se entendeu que o trabalho pedagógico baseado na arte-educação com o intuito de firmar um novo contato social nas comunidades populares estava afinado ao conceito que norteava o estudo maior.

O agravamento das tensões urbanas no Brasil favoreceu o avanço da conexão entre cultura, educação, arte e trabalho. Desse encontro, pôde-se observar que as atividades lúdicas, além de permitirem o desenvolver de ações e de conhecimento criativo, também contribuem para promover a auto-estima e definir uma identidade social para os jovens que se encontram à margem dos benefícios globais. As várias experiências bem-sucedidas indicam que nas comunidades populares, os múltiplos sentidos da cultura fazem despertar o senso de solidariedade entre os indivíduos, servindo muitas vezes de motivação ao exercício de práticas pedagógicas e associativas que resultam em alternativas de integração social e sustentabilidade econômica. Isso porque dentre outros significados,

a cultura é um instrumento que permite ao homem e a mulher se conhecerem, fortalecerem sua identidade individual e coletiva e ainda aprender de forma lúdica, além de construir conceitos de ética e estética. A cultura como instrumento pedagógico colabora para a organização comunitária e política dos jovens. (entrevista Umbu Ganzá, Recife-PE)².

¹ Professora do Curso de Comunicação Social - Universidade Católica de Salvador e Coordenadora de Estudos e Pesquisas da SEI. E-mail: carlotag@uol.com.br.

² CASTRO, Mary *et alii*. *Cultivando vida, desarmando violências*. Brasília: UNESCO, 2001.

Em Salvador, o Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA, o Projeto Axé, o Liceu de Artes e Ofícios, a CIPÓ - Comunicação Interativa, a Fundação Cidade Mãe, o Grupo Cultural Olodum, o Circo Picolino, o Bagunção e o Pracatum, são exemplos de grupos que possibilitam aos jovens vivenciarem experiências que certamente serão replicadas ao longo de suas vidas.

A cidade de Salvador em diversos momentos foi marcada pela combinação entre a força do passado e o gosto pela novidade³. Mais uma vez, ao longo dos anos 1990, após o sucesso musical do estilo *axé music*, os soteropolitanos assistiram a reafirmação dessa polaridade, na medida que o movimento musical comunitário passou a influir e a ser influenciado pelos interesses da indústria fonográfica e das mídias, situação que foi sendo paulatinamente absorvida pela população, a ponto de favorecer inclusive a afirmação social no campo estético. Alguns grupos aqui entrevistados resultam desta experiência que marcou inexoravelmente a sociedade baiana na virada do século XXI.

É também inquestionável o significado das atividades culturais para o mercado de trabalho de Salvador. O Censo do IBGE de 2000 registrou esta tendência ao identificar que cerca de 11,4% dos soteropolitanos estavam ocupados diretamente em atividades criativas assim distribuídas: 7,4% trabalhavam em edição, impressão e reprodução de gravações; 2,0% estavam envolvidos em produções artísticas e espetáculos; 0,25% operava em cinema, radiodifusão, televisão e agências de notícias; 1,5% em arquitetura, engenharia e publicidade; além de 0,25% em bibliotecas e museus. Já nas atividades correlatas, a exemplo de turismo, lazer e entretenimento, estiveram ocupados cerca de 12% dos residentes na capital.

MAPEANDO OS AGRUPAMENTOS CULTURAIS EM SALVADOR

A investigação primária quantitativa foi o método utilizado para a realização deste mapeamento cultural cujas entrevistas ocorreram em junho de 2003. Na ausência de um cadastro que fundamentasse a definição da amostra se usou como referência a listagem de entidades que realizam ou dão apoio ao trabalho pedagógico-cultural⁴. A partir daí foram selecionados 16 grupos. A dificuldade de acesso ao universo determinou o alcance limitado da pesquisa de campo, entretanto, acredita-se que a representatividade das instituições aqui entrevistadas favoreça a descrição das principais características que marcam o conjunto desses agrupamentos culturais.

A motivação artística foi apontada por todos os entrevistados como sendo a razão principal que impulsionou a criação dos referidos grupos, seguido do aspecto da inclusão social de jovens em situação de risco. O desejo de minimizar as dificuldades, somado à ânsia em manter acesas as tradições da cultura popular e a aspiração por desenvolver técnicas metodológicas, aparecem em quase todos os depoimentos.

A vitalidade cultural e social porque passou Salvador nos anos 1990, como de esperar, influiu na expansão desses organismos. Dentre os 16 grupos pesquisados, 13 foram criados entre 1991 e 2000. Nesse movimento, a alternativa do associativismo foi prevacente – 10 associações culturais foram formalmente constituídas nessa época. A Escola Picolino de Artes do Circo, criada em 1985, e o Grupo Cultural Terra Viva, fundado em 1977, este último em forma de cooperativa, foram os precursores desse tipo de organização. Na condição de ONGs aparecem 2 grupos – Centro Projeto Axé e Associação Pracatum Ação Social. Os demais são grupos informais, a exemplo do Bando de Teatro Olodum, há 12 anos associado à ONG que administra

³ Ver Milton Moura no artigo Quem quer comprar a cara desta cidade? Publicado pela SEI na *Bahia Análise e Dados*, v.8,n.1, 1998.

⁴ Foram usados os cadastros do CRIA e do Bando de Teatro Olodum gentilmente cedidos.

o Teatro Vila Velha; ou do Orúm Axé Calabar, ligado ao Grupo de Dança Stilo; ou ainda do Trilharte, ligado ao Araketu.

As entrevistas também indicaram que os grupos culturais tinham perspectivas diferenciadas quanto ao destino final dos bens produzidos. De um lado, estão aqueles que, em níveis diferenciados, aspiram e de fato comercializam o resultado de seu trabalho, aqui denominados para efeito de observação de Grupo 1; de outro, Grupo 2, estão os que apresentam uma perspectiva tão-somente educacional. Seguindo esse critério foram identificados:

- Grupo 1: Tupã Teatro; Grupo Cultural Bagunção; Grupo Cultural Terra Viva; Bando de Teatro Olodum; Associação Pracatum Ação Social; Centro Projeto Axé; Trilharte; Escola Picolino de Artes do Circo.
- Grupo 2: Grupo de Capoeira Ali Ba Oba; Cia de Dança e Teatro E²; Grupo de Capoeira Vivendo e Aprendendo; Beje Eró; Associação de Capoeira Toques de Berimbaus; Grêmio Cultural e Carnavalesco Furacão da Alegria; Dança Stilo; Grupo Orúm Axé Calabar.

Dentre as atividades desenvolvidas vê-se que as manifestações artísticas mais envolventes são música, dança, teatro e circo (ver Quadro 1). É possível observar que aqui se misturam tradições populares, decorrentes da experiência da população afro-descendente, a exemplo da capoeira, puxada de rede, maculelê, dança afro ou samba-de-roda, as expressões contemporâneas da “cultura de rua” - arte circense, peças teatrais que tratam do cotidiano, moda *fashion*, artesanato de papel reciclado etc. Tal situação decorre, dentre outros fatores, da vivência cotidiana das comunidades soteropolitanas, onde, tradicionalmente, o espaço público é por excelência local de socialização e de acesso, direto ou indireto, aos elementos que regem o fluxo de informação global: indústria cultural, tecnologia, consumo, turismo, violência e exclusão, dentre outros.

Esta tensão, no entanto, não é uma particularidade local, prova disso é a preocupação acadêmica com o tema:

O debate relativo à noção de tradição tanto pode ser conduzido por autores consagrados em disciplinas convencionais como a historiografia (é o caso de Hobsbawm), quanto em diálogo com os defensores dos Estudos Culturais (a exemplo de Anderson, Hall e Bhabha). Isso porque, nos dias atuais, não faz mais tanto sentido se referir à tradição como sendo o resultado de um acervo de costumes e de ícones identitários que foi trazido e guardado no passado.

O que reúne e organiza o conjunto identitários é, justamente, a narrativa proposta como tradição por apresentar singularidade – culinária, música, coreografia, instituições políticas, religiosas e familiares, escolas, dentre outros. O uso de recursos tecnológicos ou de materiais de última geração em elementos cultivados como tradicionais não provoca em si contradição, prova disso é que alguns estilos musicais, como o *hip hop* e o *rap*, já nasceram universalizados. Assim, o tradicional faz sentido, principalmente, ao se apresentar com poder de interpelar a existência atual.⁵

O quadro 1 a seguir disponibiliza informações relativas às atividades e ao número de participantes envolvidos nos agrupamentos de arte-educação pesquisados em 2003.

⁵ Entrevista concedida pelo professor Milton Moura, da Universidade Federal da Bahia, a autora desse relatório em janeiro de 2004.

Quadro 1

GRUPOS CULTURAIS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	PARTICIPANTES
Grupo 1		
Grupo Cultural Bagunção	Música, teatro, venda de material reciclado	300
Bando de Teatro Olodum	Espectáculo teatral	30
Associação Pracatum Ação Social	Escola de música particular	31
Escola Picolino de Artes do Circo	Escola de arte circense e venda de espetáculo	430
Centro Projeto Axé	Escola de arte-educação e venda de confecções produzidas pelo grupo	170
Grupo Cultural Terra Viva	Oficinas e comercialização de espetáculos de dança, percussão e teatro	85
Trilharte – Grupo de Pesquisa do Movimento das Artes Cênicas	Produção e apresentação de espetáculos teatrais	04
Tupã Teatro	Montagem e apresentação de espetáculos teatrais	07
TOTAL DE JOVENS		1057
Grupo 2		
Grêmio Cultural e Carnavalesco Furacão da Alegria	Aulas de percussão e organização do bloco de carnaval com adesão gratuita	150
Grupo Orúm Axé Calabar	Oficinas de comunicação, teatro, dança	22
Cia de Dança e Teatro E2	Oficinas de teatro, percussão, dança, coral, artes plásticas e capoeira	90
Grupo de Dança Stilo	Ensaaios de dança	10
Grupo de Capoeira Vivendo e Aprendendo	Aulas de capoeira, maculelê, puxada de rede, dança afro	150
Projeto Beje Eró	Grupos teatrais, dança afro, percussão, artesanato e reforço escolar	10
Associação de Capoeira Toques de Berimbau	Aulas de capoeira, maculelê, samba-de-roda	90
Grupo de Capoeira Ali Ba Obá	Aulas de capoeira, maculelê, samba-de-roda	20
TOTAL DE JOVENS		542

Fonte: SEI / NET-UCSAL. Pesquisa Empreendimentos Solidários, 2004.

A elevada capacidade dos grupos de envolver os jovens é um aspecto que merece destaque. Segundo os depoimentos, cerca de 1599 indivíduos, de alguma forma, estão a esses integrados. Como de esperar, os grupos de maior alcance são os mais estruturados, que recebem incentivos financeiros de empresas ou do governo e que dispõem de acesso à mídia. Nesse caso, estão inclusos o Grupo Cultural Bagunção, a Escola Picolino de Artes do Circo e o Centro Projeto Axé. Essas três agremiações acolhem a maioria dos envolvidos, cerca de 900 jovens.

Do ponto de vista do gênero, a presença masculina é um pouco maior (55,7%) que a feminina. Os meninos estão mais presentes em atividades relacionadas à cultura de raiz – capoeira, percussão, puxada de rede, maculelê. Já as meninas são mais numerosas em atividades manuais, principalmente, ligadas ao artesanato. Ao se observar a faixa etária, a maioria tinha entre 18 e 25 anos (54%), no entanto, há também adultos inclusos nos grupos, cerca de 336 indivíduos (21%) têm acima de 25 anos. Certamente, a dificuldade de ingresso desses indivíduos no mercado de trabalho influenciou esse cenário.

Quando questionados relativamente à origem dos recursos iniciais para constituição dos grupos, a maioria afirmou que esses advieram da reserva bancária ou da contribuição financeira dos próprios integrantes (10 grupos). A alternativa de doação foi citada em menor proporção. Dentre as instituições que mais contribuíram aparecem as empresas nacionais, que disponibilizaram recursos através de suas fundações (30%), a igreja e a comunidade local. Apenas um agrupamento afirmou ter acesso a empréstimo público municipal.

Nenhum dos entrevistados declarou que seus grupos são auto-suficientes. Por isso, é comum se usar a estratégia combinada entre captação de recursos e venda de bens culturais. A

captação de recursos privados e públicos, principalmente os que decorrem das leis de incentivo, tem facilitado sobremaneira a manutenção dos grupos cujo trabalho tem maior visibilidade. O cumprimento das metas sociopedagógicas, a visibilidade e a capacidade de articulação gerencial e política, são fatores que jogam um importante papel no acesso aos financiadores.

Inúmeras foram as dificuldades apontadas pelos entrevistados para a comercialização dos bens culturais. Dentre os 16 grupos consultados, apenas 5 conseguiram remunerar parcialmente os seus membros através de recursos advindos de vendas. Certamente a não capacitação gerencial vem influenciando esse quadro. A grande maioria (13 grupos) nunca recebeu nenhum tipo de apoio institucional ou teve acesso às técnicas de gestão e administração. A ausência de um produtor também é vista como sendo um dos entraves ao trabalho profissional. Entretanto, observa-se que os entrevistados, ao se referirem a essa função, quase sempre, lhe atribui o designo de articulador cultural, papel quase sempre desempenhado pelo instrutor do grupo. Poucos são aqueles que descreveram o produtor cultural como articulador de negócios, quando ocorreu, foi mais comum dentre aqueles que têm acesso à captação de recursos.

Os bens culturais mais facilmente comercializáveis são os espetáculos e os produtos artesanais. As peças ou shows são apresentados, principalmente, nas escolas, mas também usam teatros ou ocupam os espaços públicos das comunidades. Em menor frequência, também, há contratos com empresas e espaços turísticos.

A definição de uma marca que personalize o agrupamento é uma necessidade posta por quase todos os entrevistados. Até mesmo aqueles que não têm aspiração comercial, acreditam que tal recurso de comunicação irá contribuir para a particularização de seu trabalho. A propaganda “boca a boca” é o recurso de divulgação mais utilizado. Os que usam os meios eletroeletrônicos, preferem o rádio, comercial ou comunitário. Televisão e jornal aparecem muito raramente, somente os grupos que acessam as empresas de grande porte, quase sempre de capital nacional, que têm garantias via leis de incentivo, usam essas mídias.

De maneira geral, as condições de infra-estrutura dos grupos culturais são precárias. As sedes, quase sempre são emprestadas, tão-somente a Associação Pracatum de Ação Social dispõe de espaço próprio. Apenas seis dos oito entrevistados dispõem em seus espaços de telefone, fax e computadores ligados a Internet. A rede mundial foi apontada como instrumento de divulgação e de sinergia com grupos similares, principalmente para troca de experiências pedagógicas. O registro da memória e do conhecimento são pontos importantes no exercício desta tarefa, assim, comumente, os grupos usam vídeo, fotografia, assim como, *folders*.

A despeito da importância educacional e do sentido cultural existente no trabalho desenvolvido por esses grupos, é visível a fragilidade organizativa em que estão inscritos, a despeito da firmeza de seus instrutores e responsáveis. Esse mapeamento cultural serve para reafirmar a importância da sistematização e da divulgação de informações relativas à produção cultural, que, dentre outros significados, servem à definição de políticas públicas e privadas que contemplem e ampliem a possibilidade de ações positivas.

REFERÊNCIA

CASTRO, Mary et al. *Cultivando vida, desarmando violências*. Brasília: UNESCO, 2001.

MOURA, Milton. *Quem quer comprar a cara desta cidade?* Bahia Análise e Dados, Salvador: SEI, v.8, n.1, p.25-32, Jun 1998.

SERPA, Ângelo (org). *Fala Periferia!* Uma reflexão sobre produção do espaço periférico urbano. Salvador: EDUFBA, 2001.

SINGER, Paul. *Economia solidária em desenvolvimento*. Brasília: TEM, SENAES, 2003.

GOTTSCHALL, Carlota. KRAYCHETE, Gabriel. Empreendimentos Solidários na RMS e Litoral Norte da Bahia. Série Estudos e Pesquisas. Salvador: SEI, 2004.